

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

## APRENDIZAGEM HISTÓRICA: AS NARRATIVAS SOBRE CORONELISMO/ CLIENTELISMO CONTRUÍDAS A PARTIR DA TELENVELA GABRIELA

Elisabete Zimmer Ferreira  
Júlia Silveira Matos

### INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa nos propusemos analisar as relações dialéticas entre uma cultura histórica construída através da historiografia sobre os conceitos de coronelismo e clientelismo e a representação desses conceitos na telenovela Gabriela/ versão 2012 e essa como meio de massificação da aprendizagem Histórica.

Para pensarmos nosso objeto que é a telenovela Gabriela, antes é preciso considerar que a consciência histórica é intrínseca ao ser humano, logo, é preciso acolher o que é pré-cognitivo para que operem formações históricas de sentido, bem como o aprendizado histórico. É neste ponto que surgem os modelos interpretativos da consciência histórica classificando de forma sensitiva e pré-racional as informações. Isto produz as primeiras orientações na história, as quais em consonância as experiências de vida e sua racionalização são desenvolvidas de forma parcialmente consciente (RÜSEN, 2012).

A partir dessa percepção, devemos atentar para o fato de que essas esferas de pré-consciência são resultados de inúmeras influências do cotidiano tanto no campo educacional, social, cultural, quanto político. Nessa direção podemos tomar a telenovela como um objeto que estabelece uma relação dialética com a sociedade, da qual é produto e produtora de modelos e arquétipos de comportamento. Tal percepção nos leva a compreender como a telenovela pode estabelecer um caráter educativo e constituinte da consciência histórica dos seus telespectadores.

Deste modo, pautamos nossa pesquisa na narrativa histórica construída pelos participantes, pois a forma de linguagem que os sujeitos expressam consciência histórica e esta realiza sua função de orientação no tempo é a narração (RÜSEN, 2010 a), logo a narrativa histórica é uma operação mental constitutiva, onde particularidade e processualidade são especificadas demonstrando a construção de sentido sobre a experiência do tempo (RÜSEN, 2010 a). Diante disso, o aprendizado histórico, neste caso sobre a temática:

**ANAIS ELETRÔNICOS** - 13 à 16 de agosto de 2014, UFG, Goiânia e UEG, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

Goiás, v.15, n.2, 2015 | **306** (p.306-325 de 487)

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

## EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

coronelismo emerge na narrativa histórica, quando competências específicas forem adquiridas mediante a função produtiva do sujeito, situação esta que a história será apontada como responsável orientação cultural na vida prática dos sujeitos.

Considerando o exposto, a competência narrativa é capacidade que a consciência humana tem de usar procedimentos que dão sentido ao passado, realizando uma orientação temporal na vida cotidiana por meio de uma lembrança de uma realidade passada (RÜSEN, 2010 a), o que em nosso caso advém das representações do coronelismo na telenovela Gabriela. Assim, é fundamental considerar o conteúdo, a forma e a função como elementos chaves da narrativa histórica, pois serão eles os responsáveis pelas competências para a: experiência histórica, interpretação histórica e orientação histórica respectivamente.

A competência da experiência caracteriza-se como o primeiro nível da consciência histórica, implicando na capacidade de olhar o passado e percebendo sua qualidade temporal (RÜSEN, 2010 a). Ou seja, olhar as apresentadas na telenovela e compreendê-las como representações de parte de um tempo passado.

A competência da interpretação caracteriza-se como o segundo nível da consciência histórica, tendo por meta reduzir as diferenças de tempo entre passado presente e futuro resultando na concepção de um todo temporal (RÜSEN, 2010 a). Ou seja, numa forma de conceber uma compreensão dos fatos do presente mediante os acontecimentos representados na telenovela.

Finalmente a competência da orientação vem a caracterizar o último estágio da consciência histórica e tem por finalidade usar o todo temporal, vinculado com a experiência (conteúdo), a fim de orientar a vida (RÜSEN, 2010 a). Ou seja, na tomada de decisão, na ação que ocorre, neste caso, a partir da apreensão do conteúdo da telenovela, entendendo-o como uma representação do passado, mas capaz de orientar a vida humana.

Diante disso, objetivamos conhecer os saberes históricos construídos pelos participantes da pesquisa a cerca do tema coronelismo/clientelismo e compreender como se processou sua aprendizagem histórica a partir da experiência televisiva com a telenovela Gabriela.

### **METODOLOGIA**

**ANAIS ELETRÔNICOS** - 13 à 16 de agosto de 2014, UFG, Goiânia e UEG, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

## EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Foi utilizado como o método de estudo de casos múltiplos, o qual obedece a lógica da replicação evidenciando os fenômenos pelos quais a aprendizagem histórica se processa, visando observar além da trajetória e da repercussão de seus fenômenos, seus efeitos em todo seu contexto (MARTINS, 2008; YIN, 2011). O método foi suportado na técnica de entrevista para a coleta de dados e na técnica da análise de conteúdo.

Para desenvolver a pesquisa foram selecionados 11 sujeitos que obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: 1) Ambos os sexos; 2) Estar em condições de interagir com a pesquisadora; 3) Ter sido telespectador da telenovela Gabriela/ versão 2012, 4) Estar fora dos recintos formais de educação histórica e 5) Ter vínculo algum vínculo com o ambiente hospitalar, pois foi nesse espaço que surgiram os diálogos que apontaram para a possibilidade da educação histórica através da telenovela.

As entrevistas foram realizadas no domicílio dos participantes e gravadas em MP3. Posteriormente as entrevistas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo, a qual se divide em três etapas: 1) Pré-análise; 2) exploração do material e 3) Interpretação (BARDIN, 2011). Na primeira etapa as entrevistas foram transcritas e compôs o acervo documental a ser analisado. Na segunda etapa procedeu-se a extração das unidades de referência e o agrupamento das mesmas em categorias de análise. Finalmente na terceira fase procedeu-se a interpretação dos resultados mediante a análise das categorias. Interpretação esta que esteve pautada no reconhecimento dos fatos históricos apresentados na telenovela e na correlação que os participantes fizeram entre as cenas da telenovela, os saberes que construíram e a aplicação destes em suas vidas práticas, o que vem a verificar a hipótese da telenovela Gabriela como um agente promotor da aprendizagem histórica.

### RESULTADOS

Na primeira leitura das narrativas constatou-se que alguns personagens presentes na telenovela Gabriela tiveram maior significância para os participantes que outros. Considerando aqui que significância histórica, segundo Cercadilho (2000), pode ser analisada em duas óticas, uma multicultural e outra atribuída no contexto das próprias narrativas. Sendo assim, ao analisarmos as narrativas dos sujeitos entrevistados, partimos do conceito de significância multicultural, a qual é atribuída, segundo Maria Olinda Pereira Alves (2008:61), “em função dos interesses e motivações dos alunos dependendo das suas idades e

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

dos grupos culturais de pertença”. Ou seja, para nossa pesquisa, ao invés de alunos, são sujeitos telespectadores e por isso buscamos o conceito de significância multicultural para fundamentar a percepção dos entrevistados e de seus interesses na trama novelística. Assim, percebemos nas entrevistas, em geral estes personagens foram os responsáveis pela construção dos saberes presentes nas narrativas históricas, bem como pela aprendizagem dos sujeitos, pois de acordo com Rüsen (2012), as histórias, nesse caso a história contada por cada uma dos personagens, produzem orientações temporais que são necessárias ao controle da vida prática. A relevância dos personagens para os participantes foi ilustrada no gráfico a seguir.

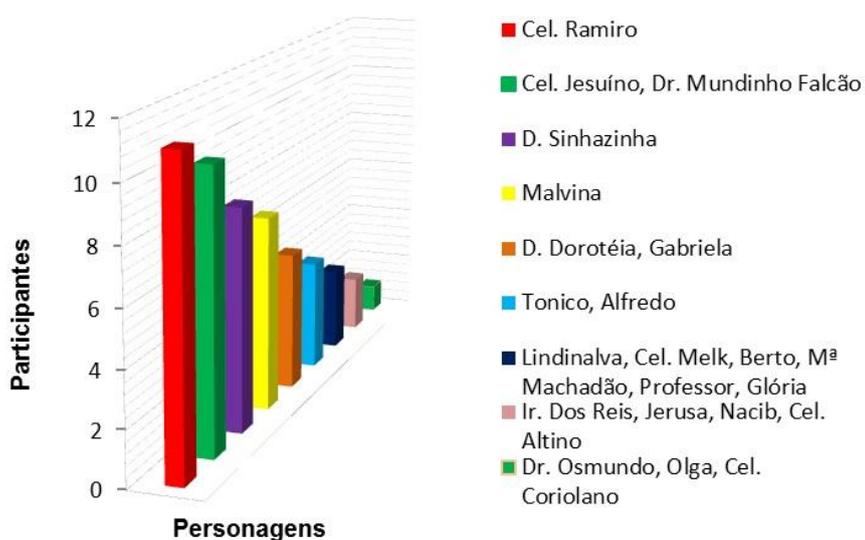


Gráfico 1 – Personagens da telenovela que foram mais significativos para os participantes, Rio Grande – RS, 2014.

A menção aos personagens e a história de cada um deles nas narrativas dos participantes permitiu extrair as unidades de referência que evidenciaram os saberes construídos pelos participantes por meio do acompanhamento sequencial e regular dos capítulos da telenovela Gabriela. As unidades de referência com a temática: coronelismo/ clientelismo foram agrupadas conforme o teor dos saberes construídos em nove categorias: 1) Mando, poder e submissão; 2) O coronel e sua gente; 3) Fragmentação do sistema; 4) Violência; e 5) Política: clientelismo e alianças. Estes saberes foram ilustrados em sua totalidade no gráfico a

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

seguir.

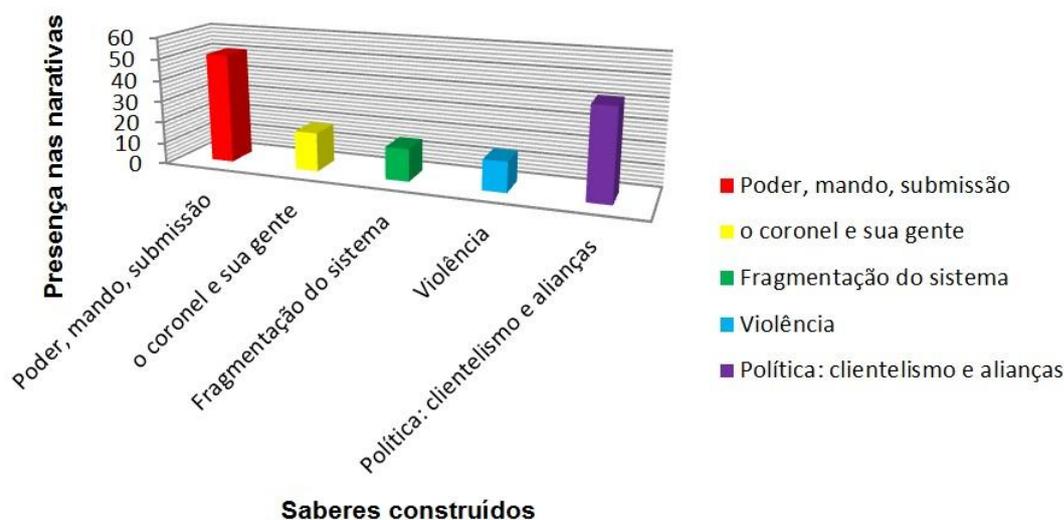


Gráfico 2 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática coronelismo/ clientelismo na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

Contudo, ao se tratar de aprendizagem histórica é relevante salientar que o processo não é uniforme para todos, como bem mostrou nossa pesquisa. Sobre os processos de aprendizagem histórica, JörnRüsen ao citar Schörken, afirma que “trata-se de ‘processos de pensamento e de formação estruturadores de consciência’, ‘que geralmente encontram-se ‘por trás’ dos conteúdos e que habitualmente ficam velados ao aprendiz’, de ‘atos’ mentais determinantes do comportamento, que subjazem à lida com a História (RÜSEN, 2010 a, 42). Nessa citação, o autor se referiu especificamente a didática da história ou da História mediada didaticamente. Entretanto, apesar de nosso objeto de pesquisa não se tratar de uma experiência realizada em ambientes de escolarização, apreendemos a telenovela como um meio pelo qual a História ser mediada didaticamente, ou seja, meio pelo qual a História ou mais especificamente um “tipo de narrativa ou literacia<sup>1</sup> da História” é e pode ser transmitida. Portanto, a partir

1 Literacia da História aqui como discorreu Maria Auxiliadora Schmidt, “pode-se caracterizar a literacia histórica como a construção de sujeitos historicamente letrados, que sejam minimamente capazes de, segundo Lee (200R) realizar algumas coisas, como: ter uma imagem do passado que lhes permita orientarem-se no tempo, a qual exige o

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

da experiência televisiva, os telespectadores estruturam seus processos de pensamento e consciência sobre os fatos e conceitos representados na trama novelística. Aqui apresentamos o conceito de literacia histórica como um processo de letramento histórico que acompanha os sujeitos letrados para além da experiência escolar, pois o autor da telenovela apresenta na trama sua compreensão do passado e mais do que isso, a forma pela qual se apropria deste passado para pensar um objeto que estabelecerá diálogos com o público e, portanto, uma utilidade prática da História para a vida. Desta forma, ilustramos também num gráfico comparativo a construção individual dos saberes históricos orientados na telenovela Gabriela de cada um dos participantes.

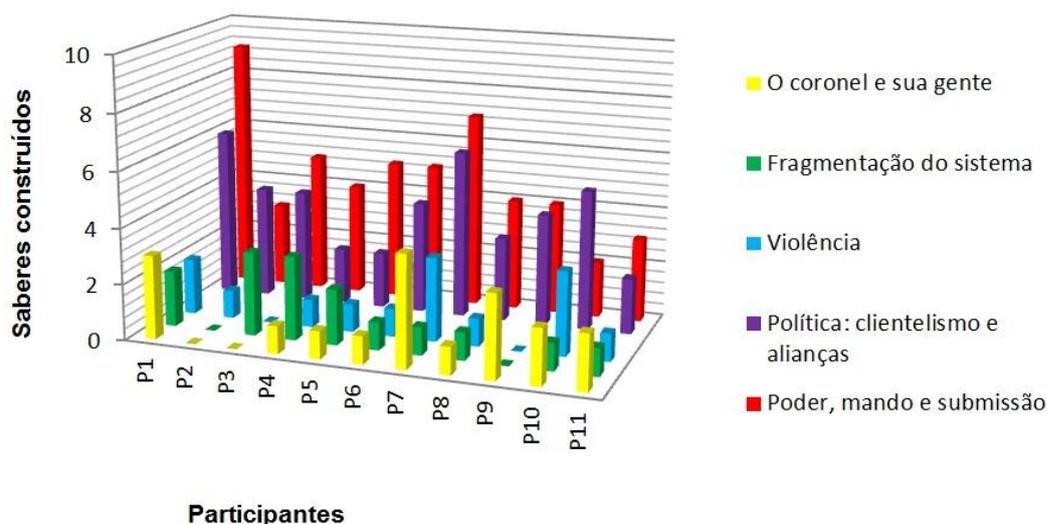


Gráfico 3 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem individual da temática coronelismo/clientelismo Rio Grande – RS, 2014.

Podemos perceber nas falas que apesar dos temas da telenovela não terem sido apresentados aos telespectadores centrados em discussões historiográficas, o diálogo entre o aprendido e a historiografia se

domínio de determinados conteúdos históricos ou uma compreensão substantiva coerente do passado; um conhecimento de como desenvolver uma explicação e narrativa do passado, o que pressupõe o domínio das ideias substantivas e de segunda ordem que colaborem para organizar o passado, fazendo com que o conhecimento do passado seja possível” (SCHMIDT, 2009:17-18).

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

estabelece de forma não fundamentada. Ou seja, os telespectadores da telenovela não sabem quais foram os marcos de fundamentação do autor de Gabriela para veicular tais conceitos e ideias, apenas apreendem o sentido dos temas como se os mesmos fossem definitivos e históricos. Esse fenômeno experienciado nas narrativas dos sujeitos nos demonstra que os mesmos construíram sentido sobre o passado, a partir da recepção televisiva, e com isso aprenderam história, pois segundo Rüsen “o aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para a tal narrativa surgem e se desenvolvem (RÜSEN, 2010 a, p.43). ao expressarem em suas narrativas os sentidos dados sobre suas experiências no tempo, construída a partir da mediação da telenovela, percebemos seus processos de aprendizado e como para cada sujeito se constitui de forma diferente. Nesse sentido, apesar dos entrevistados perceberem a telenovela como uma ficção, entenderam o conteúdo histórico do tema discutido. Observamos também que as unidades de referência construídas em caráter de unanimidade pelos telespectadores categorizadas em “Coronelismo/Clientelismo”, foram: mando poder e submissão, e, Política: clientelismo e alianças. Também se percebeu recorrência nas narrativas estudadas sobre, a violência, a fragmentação do sistema e sobre o próprio coronel e sua gente. Portanto, percebe-se que apesar de não terem recebido seus aprendizados em um espaço de escolarização, suas falas apresentam conceitos e motes de diálogo com a historiografia mais tradicional sobre coronelismo no Brasil, conforme analisamos nesse artigo. A seguir realizamos a discussão da temática “Coronelismo/Clientelismo” a partir de suas unidades referenciais, ordenando-as de modo a mostrar o processo de aprendizagem e consciência histórica dos participantes.

## DISCUSSÃO

### **1. Poder, Mando, Submissão**

Nas narrativas dos participantes observou-se a construção de um saber coletivo relacionando coronelismo ao mando, sendo este mando diretamente interligado ao poder que os coronéis exerciam em suas regiões, bem como a submissão da população que habitava os nichos sob seu domínio. Observamos também que esta foi a categoria mais presente nas narrativas estando intimamente ligada as outras categorias presentes nas falas dos participantes. Deste modo, apresentamos nesse momento uma discussão dos extratos das narrativas que envolvem especificamente: mando, poder e submissão.

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

## EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Compreendemos que os saberes históricos relacionados a mando foram construídos pelos participantes focando prerrogativas distintas como mostram os extratos a seguir.

Os coronéis dominavam a política porque antes era assim, um coronel **mandava** em toda a cidade na questão do voto, então era sempre ele que **mandava** na cidade. E, quando o Mundinho chega ele **tenta mudar** aquilo ali, mas os coronéis tentam se manter unidos para não perder o poder (P1, grifo nosso)

o sistema coronelista é **um sistema de mando**, onde a política tem as trocas de favores e vai em busca dos benefícios próprios (P3, grifo nosso)

Nota-se que P1 e P3 associaram o mando do coronel à política. Porém P1 coloca o mando como uma forma de sustentação do poder do coronel enquanto P3 percebe que o mando como coadjuvante numa política que têm por sustentáculo as trocas de favores e o beneficiamento próprio. Ambos os entrevistados apresentaram uma compreensão clara de um dos fundamentos do sistema coronelístico e mais do que isso, apresentaram a noção de mando como algo que sustentava o modelo político. Entretanto, P1 consegue perceber uma diferença entre o presente e o passado ao expressar “porque antes era assim”, ou seja, hoje é diferente. Essa percepção demonstra que P1 avaliou o tempo presente em relação ao passado e conferiu um sentido para ambos, que possui uma competência narrativa, pois segundo Rüsen a narração “... tem a função geral de servir para orientar a vida prática no tempo. Mobiliza a memória da experiência temporal, desenvolvendo a noção de um todo temporal abrangente, e confere uma perspectiva temporal interna e externa à vida prática” (RÜSEN, 2010 a, p. 62). Como bem discorreu o autor, ao demonstrar em sua narração a percepção de que de que existiram diferenças entre o presente vivido e o passado analisado através da telenovela, P1, apresentou uma perspectiva e experiência temporal.

Da mesma forma a questão do mando no coronelismo vai sendo construída por P4, P9.

Pelo que eu entendi coronelismo era uma época política que já havia uma estrutura de lei, tinha um governador, um presidente e isso é salientado na novela, porém isso não tinha valor nenhum. Isso não interessava ali, o que interessava era o que o coronel decidia e como **mandava** (P4, grifo nosso)

Em cidades pequenas onde **o poder é muito grande**, o poder é muito aflorado, onde o **estado não manda tanto**, existem as leis, **é o coronel que assume as responsabilidades e vai mandar** como se fosse o dono da cidade, ele é aquele

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

antigo senhor de escravos, ou o dono de terras, e, ele **acaba mandando no juiz, no delegado**, ele é o dono da cidade (P9, grifo nosso)

Percebe-se neste momento que os participantes demonstram o conhecimento de uma estrutura governamental e de um sistema de leis, mas afirmam que nesse momento quem mandava em regiões pequenas era o coronel. Nota-se que P9, vai além e explica que o coronel manda porque o estado não se fez presente nessas localidades. Quanto à aprendizagem destaca-se na fala de P4 um distanciamento temporal, ou seja, por meio das palavras “o coronelismo era uma época”, o participante mostra que percebe o período coronelista como outro período histórico e, portanto diferente do atual, apesar de já contar com uma estrutura administrativa e legislativa. Isso demonstra o alcance da competência narrativa da experiência, a qual pressupõe que o sujeito possa olhar o passado diferenciando-o do presente (RÜSEN, 2010 a, p. 59).

Posto isto, frisamos que os participantes interpretaram os fatos representados na telenovela de forma particular, o que reponde aos pressupostos de Rüsen sobre a aprendizagem histórica, pois a aprendizagem histórica se processa pela experiência a fim de responder como orientações no cotidiano (RÜSEN, 2010 a). É importante mencionar que apesar do mando, poder e submissão haver permeados os saberes de todos os participantes a cerca do coronelismo, ele não é a essência do coronelismo, pois a ele somam-se outras práticas como as trocas de favores, a imposição da força, a aliança entre os coronéis e o reconhecimento social desta figura perante a sociedade, além de sua participação na política quer fosse como protagonista ou como coadjuvante. Sendo assim, podemos afirmar que os participantes demonstraram apreensão do conteúdo de forma condizente com a historiografia, entendendo na experiência do mando, do poder e da submissão um dos suportes para a manutenção do coronelismo, um sistema que vigorou no país, no passado.

## **2. O coronel e sua gente**

Os participantes da pesquisa demonstraram saber histórico construído a cerca do próprio coronel e da sua gente.

Primeiro ele **era um título militar**, depois ele passou a ser de quem tinha mais poder. Porque ele tomou aquele lugar e ele acabou tendo a maior terra, a maior plantação de cacau. Na verdade na época da novela **não é coronelismo por**

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

*militarismo, eles não eram graduados por serem militares.* Eram os coronéis do café, do cacau, graduados pelo poder pela posse e pelo poder de mando (P1, grifo nosso)

De fato, o termo coronel dispensado como identificação dos personagens na telenovela remete ao exposto pela historiografia, ou seja, o termo provém ainda do período imperial quando era utilizado por latifundiários que haviam conquistado a patente por integrarem a guarda nacional. Porém na república os coronéis deixaram de ser militares para serem patentes de integrantes das oligarquias que agrupadas passaram a dominar a política no período da primeira república lançando mão de artimanhas como clientelismo e relações de compadrio (BARBALHO, 2007).

A partir disso podemos entender que P1 estabeleceu a construção de conhecimento a partir da visão dos capítulos da telenovela, porém a mensagem posta no enredo da telenovela foi decodificada e acrescida de conhecimentos prévios do entrevistado, acréscimo e interpretação esta que parecem estar intrinsecamente ligados à cultura histórica deste entrevistado, ou seja, motivada no seu presente, pois a forma de aquisição do título de coronel não foi mencionada na telenovela.

Outro fato importante a ser salientado em relação à aprendizagem histórica deste participante está na interpretação do conteúdo veiculado na telenovela, o que se deve em parte atenção dispensada por ele ao assistir os capítulos da telenovela (THOMPSON, 2009 a), pois somente P1 o outro participante demonstraram atenção ao título de coronel, bem como apresentaram a construção de saberes relacionados a forma com que o título de coronel foi adotado pelos sujeitos que foram figuras ativas do sistema coronelista. Isto vem a demonstrar o alcance em suas narrativas da competência da experiência a qual trata da integração entre presente e passado, o que foi demonstrado pela interpretação e conclusão a cerca do título de coronel.

Diante disso, é importante frisar que tanto a aprendizagem histórica como a consciência histórica de cada participante está intrinsecamente ligada a cultura histórica de cada um destes participantes, sendo seu aprendizado histórico também determinado por pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses dos mesmos (RÜSEN, 2010 a, p. 44). Estes pontos de vista podem ser observados como responsáveis pela apreensão do conteúdo, pela interpretação e orientação. Em se tratando da titulação do

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

coronel infere-se que houve um ponto desencadeador que chamou a atenção dos participantes para este conteúdo, fato este, provavelmente, presente no cotidiano dos participantes, ou seja, constituinte de sua própria cultura histórica.

Dentre o conteúdo apreendido pelos participantes esteve a própria gente do coronel e a organização de sua gente conforme mostra o extrato a seguir:

*Os amigos do coronel Ramiro eram da família, filhos, netos e depois todos aqueles coronéis. O Dr. Mundinho Falcão era só, ele veio sozinho do Rio de Janeiro, a onde começou a construir amizade com o repórter e outro mais que era advogado.* Assim que ele começou a fazer amizade e eles se aproximam dele por causa da inimizade que tinham com o coronel Ramiro. Eles queriam derrotar o coronel Ramiro e não sabiam como até que vem o Mundinho para ali. *O Ramiro tinha também outros amigos que eram os coronéis dali e os empregados dele* (P7, grifo nosso)

Observou-se que P7, percebeu que parte da parentela era construída pelos amigos do coronel, que podiam ser muito próximos ou mais afastados dele. Esses amigos mais próximos eram os outros coronéis da região, comerciantes entre outros que ocupariam a faixa intermediária da pirâmide, enquanto os integrantes mais afastados seriam os sitiantes e agregados, os quais estariam na base da mesma pirâmide (Queiróz, 1975).

Ainda o P7 fez a colocação sobre o personagem rival do coronel Ramiro na telenovela. Segundo P7, este personagem não tinha um grupo de amigos, ou apoiadores, digo uma gente, pois ele não é da região, então em princípio está só. Contudo, passa a conquistar a amizade de alguns membros da cidade por ter interesses que ia ao encontro dos mesmos, fato que o leva a edificar um grupo de seguidores. Neste ponto é preciso destacar que não ocorre a construção de uma parentela como a do coronel Ramiro nos moldes estudados por Queiróz (1975), pois o personagem do Dr. Mundinho não é um coronel, mas um jovem idealista que se muda para Ilhéus e que por se envolver na política vai fazer oposição ao coronel Ramiro.

Nota-se que até o presente momento a construção das narrativas destacaram a apreensão do conteúdo a cerca da gente do coronel, compreendendo estes personagens como figuras de um passado, portanto alcançando a competência da experiência. Do mesmo modo, os participantes atingiram a

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

competência da interpretação, pois conseguiram fazer a leitura dos papéis sociais dos personagens, bem como identificar a diferença em sua postura de ação, fato que foi melhor evidenciada na narrativa a seguir, visto que mostra uma ligação com o presente.

Eu acho que o que acontecia era ***eu sou amigo do coronel***, se eu sou amigo do coronel, ***eu tenho que botar meu interesse*** perto do coronel, e se eu estou perto do coronel, estou bem. Hoje na cidade ela representa que ***a cada troca de governo eu sou amigo do governo e do governador***, e se eu estiver próximo, ***eu tenho minhas vantagens***, eu ganho alguma coisa. E isso continua até hoje (P11, grifo nosso).

O participante 11 além compreender o conteúdo a cerca da construção das parentelas, cita que os amigos do coronel teriam seus interesses atendidos de alguma forma. Mas, neste extrato sobressai-se a questão da atualidade, ou seja, P11 foi além da apreensão do conteúdo, pois ele conseguiu fazer uma integração entre presente e passado ao destacar fatos da atualidade dando uma significação de peso a este passado. Logo, ele atingiu a competência da experiência e da interpretação pressupostas por Rüsen, as quais conferem sentido ao passado, determinando sua aplicabilidade na vida prática (RÜSEN, 2010 a). Ainda se consideramos as últimas frases de P11, podemos perceber que também a competência da orientação foi alcançada, pois ao se colocar em primeira pessoa ele demonstrou o curso da ação a ser tomado.

Outro ponto a ser pensado é que o destaque ao uso da proximidade com o mandante como um fato recorrente, como uma permanência deste passado, quase como uma regra. Nesse ponto percebemos na fala de P11 a formação de sentido exemplar, pois relacionou a experiência passada a experiências que permaneceram na atualidade, o que na visão ruseniana significa correlacionar experiências a ponto de reconhecê-las como uma regra abrangente, relacionável a casos análogos que venham a ocorrer tanto em situações de vida cotidiana, quanto em situações de vida futura (RÜSEN, 2012, p. 81 e 82).

### **3. Fragmentação do sistema**

Com relação ao sistema coronelista, antes de analisarmos os saberes construídos pelos participantes, é preciso considerarmos os pontos de vista de Carvalho e Leal. De acordo com Pieranti (2008) Leal sustentado que sistema coronelista teria se mantido até a contemporaneidade por haver sofrido marchas e contra-marchas, fator que seria responsável por uma nova relação de compromissos. Contudo,

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

pensar nisto seria uma incoerência da parte de Leal, pois para Carvalho, a sociedade já havia sofrido mudanças de cunho demográfico, o que inviabilizaria a manutenção do sistema o coronelístico nos moldes tradicionais (PIERANTI, 2008). Tendo isso em mente podemos partir para análise das narrativas dos participantes:

O *Mundinho é diferente dos coronéis*. Eu acho que ele age diferente porque ele vem de outra região com outros valores. *Quando o Ramiro morre ocorre a quebra, a fragmentação de um período e a ascensão de outro*. Eu acho que não há manutenção justamente porque o Mundinho vem de outra região com outros valores, e ele já vem com esses valores contextualizados no dia a dia dele (P6, grifo nosso)

Observa-se na fala do participante o conhecimento a cerca do fim do coronelismo, o que está posto na seguinte expressão: “Quando o Ramiro morre ocorre a quebra, a fragmentação de um período e a ascensão de outro”, a qual demonstra a ruptura com o sistema coronelista, aqui entendido como o passado, o que segundo Rüsen (2010 a), evidencia uma aprendizagem histórica crítica.

No entanto, a aprendizagem histórica pressupõe a aplicação na vida prática, ou seja, no cotidiano do indivíduo e esta reinterpretação da experiência histórica vinculada ao presente foi evidenciada na narrativa: “O sistema na época *era o coronelismo, hoje a gente não vê mais falar nesse nome*, mas, algumas coisas daquela essência ainda permanecem” (P5, grifo nosso). Para P5 o coronelismo existiu e teve fim, não se vê mais falar em coronelismo, mas algumas coisas do sistema permaneceram. Neste ponto ficou manifesta a reflexão do participante, ou seja, sua narrativa pode ser descrita como uma operação mental que construiu sentido sobre uma experiência do passado, a qual desenvolveu todas as competências narrativas e que culminaram numa avaliação do presente com possibilidades de interferência no curso das ações do próprio participante, tal qual pontuou Rüsen( 2010 a).

#### 4. Violência

Ao pensarmos em coronelismo não podemos deixar de mencionar a violência, a qual pode ser entendida como uma ação física praticada de forma deliberada por um indivíduo ou mais indivíduos sobre um ou mais indivíduos no com a finalidade de afrontar ou mesmo eliminar a vítima (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998). Posto isto, a violência se edificou como um artifício de grande expressividade no

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

coronelismo, estando instituída nas relações cotidianas e manifesto nas várias dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade (SILVA, 2010). Sob essa perspectiva é preciso lembrar que no coronelismo havia uma figura central, o coronel, o qual desejava dominar tanto o campo econômico quanto o político, figura esta que detinha o poder local.

Assim, dentro do sistema coronelista, a violência foi percebida da seguinte forma pelos participantes:

Não tinha lei, era **o coronel que decidia e usava a violência para impor a sua vontade**. Do mesmo modo que foi com o Jesuíno, quando ele matou a sinhazinha **o Ramiro que mandava na cidade não deixou o delegado prender o Jesuíno porque era amigo dele** (P1, grifo nosso)

Observa-se que P1 de imediato identificou a figura central do coronel como o mandante da região. A partir disso, P1 tende que a violência era usada para tudo, principalmente como forma de manter o poder de mando do coronel, saber este em acordo com a historiografia, pois tanto a violência quanto atos de crueldade quanto as práticas clientelistas foram artimanhas dos coronéis para exercer seu poder de mando (Queiroz, 1975).

Nota-se a construção de saber através da experiência do passado, ou seja, P1 aprendeu o conteúdo histórico. No entanto, o conteúdo aprendido não passou pela fase da interpretação, pela qual seria estabelecida uma ligação com o presente. Com isso podemos dizer que sua aprendizagem não teve um efeito prático, pois, sem o alcance da competência da interpretação não se realiza a competência da orientação, a qual prevê uma ação na vida prática (RÜSEN, 2010).

Para P7 a terra constituiu-se como chave para o poder do coronel:

as cenas do primeiro capítulo foram horríveis, mas era assim mesmo. No tempo dos meus pais a minha mãe dizia que quando chegavam aqueles coronéis, **eles entravam na casa de uma família e até matavam o homem para pegar a terra**. Foi aí que eles começaram a pegar **a riqueza por causa de matar as pessoas e pegar as terras das pessoas**. Minha mãe contava que chegavam em certas fazendas, diz que até na fazenda da finada vovó foram, que eles faziam estripulias, mas quando chegaram na fazenda da vovó, a vovó deu comida para todos eles e

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

eles não fizeram nada então. A minha mãe viveu isso porque se ela fosse viva ela ia estar com 95 anos (P7, grifo nosso)

Além da experiência da telenovela P7 revelou sua própria experiência. O participante revelou um saber construído a partir de uma experiência familiar, a qual foi interpretada em conjunto com os saberes construídos a partir dos capítulos da telenovela. Em sua interpretação os fatos contados por seus ancestrais assemelham-se aos representados na telenovela, fato que veio a reafirmar seu ideário da telenovela como representação fiel do passado, bem como a experiência obtida pela narrativa familiar, que é parte de sua cultura e possibilitou a interpretação das cenas exibidas na telenovela. Neste ponto é relevante destacar que a cultura, na a qual o participante está inscrito, possibilitou a decodificação da mensagem veiculada pela mídia (Thompson, 2009 a), sendo a mesma, o campo da interpretação que o ser humano tem de si e do mundo, espaço onde se realizam as operações da construção de sentido da experiência temporal e que determinam a consciência histórica humana Rüsen (2010, b), que, portanto, incidiram diretamente sobre o seu o seu aprendizado histórico.

## **5 Política: clientelismo e alianças**

O coronelismo caracterizou-se por ter entre seus artifícios a troca de favor. Para melhor entendimento é importante retomar quem é a figura central do coronelismo, o coronel. Segundo Faoro (2012), os coronéis eram homens ricos, detentores de fortunas que eram gastas com diversões legais e ilegais, os quais acabaram por ser vistos como os “indivíduos que pagavam as contas”. Ainda de acordo com este autor, o coronel era primeiramente um líder econômico, para a posteriore se configurar com um líder político. Sua fortuna provinha em geral da posse da terra, já que esta era a riqueza da sociedade agrária, que existia no Brasil na época.

Contudo, é relevante comentar que havia também coronéis em uma situação financeira remediada. Deste modo, o coronel exercia seu poder não só pela sua situação financeira, posição em que não caberia um indivíduo pobre, mas por meio de seu reconhecimento através de um pacto não escrito (FAORO, 2012).

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Ainda segundo Faoro (2012), o coronel tem sua posição reafirmada na falha do estado para com a municipalidade. Deste modo, é o coronel que assume a responsabilidade de agir onde os serviços essenciais do estado não chegam. Logo, o coronel é o indivíduo que vai lidar com a polícia, os cobradores de impostos, pleitear obras públicas para o pobre o pobre cidadão que habita as regiões negligenciadas pelo estado.

Com isso, o coronel se sobressaiu com um indivíduo capaz de proporcionar o que a população necessitava, fato este que passou a ser um favor ao pobre indivíduo esquecido pelo poder público. Sob esta perspectiva deflagra-se a relação de troca de favores, pois o coronel realiza um favor ao pobre cidadão do mesmo modo que este cidadão passa a lhe dever um favor, firmando assim a prática clientelista. De acordo com Burke (2012), a relação clientelista esteve presente em muitas culturas, não sendo exclusiva do coronelismo, mas tanto no Brasil como em outros continentes manteve como base uma relação de troca, onde “os seguidores procuram os líderes que lhe oferecem as maiores vantagens e confiança. Em troca, oferecem serviços e lealdade. Ter bom número de seguidores dava ao líder honra (izat) e o poder de humilhar os rivais” (Burke 2012, p.117). Desta mesma forma ocorria no coronelismo, pois a gente do coronel procurava o líder em busca de maiores vantagens e segurança, oferecendo a esse líder serviços e lealdade. Assim, no sistema coronelista a relação de compromisso se constituiu porque o coronel garantia favores que supriam a falha do Estado e sua gente oferecia-lhe lealdade.

Posto isto citamos a fala do participante, o qual retomou a questão do mando como artimanha eleitoral, uma prática coronelista, que na vigência deste sistema recebeu o nome de voto de cabresto.

Existe ainda a questão de **votar com quem o mandante vota**, até hoje se discute a **compra de votos**, tem um processo rolando aí de cassação, isso e aquilo, de cassação. Isso é a nossa realidade que está por baixo do pano e a gente só descobre depois, mas isso está por baixo do pano: as **compras de voto**. E eu tive uma experiência de vida num local pequeno, morei num local pequeno, numa cidade muito pequena onde isso é nítido. As **pessoas mandavam: vota no fulano agora, entro contigo e voto contigo para ti votar no fulano....e o fulano** é o dono da cidade, **mas ele não tem o nome de coronel, ele tem o nome de prefeito**, entendeste? E aí o prefeito sai, mas fica no lugar dele, e isso não é tão longe da gente, quem ele determinou, é assim que acontece, não é mais coronel o nome (P4, grifo nosso)

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Em sua narrativa, P4 descreveu uma experiência pessoal de vida, na qual observou que o mandante local impunha a quem devia ser destinado o voto. Nota-se inclusive um tom de denuncia em sua fala, pois P4 revelou a possibilidade dos eleitores serem acompanhados no momento da votação, fato que garantiria o destino do voto.

Neste ponto, entendemos que sua aprendizagem teve um ganho, pois conforme Rösen (2012) foi evidenciada a associação de experiências como temporalidades distintas, seno uma oriunda das cenas da telenovela e a outra de sua experiência no mercado de trabalho durante um pleito eleitoral, e que ainda difere do seu momento deste modo, percebemos um aumento de caráter qualitativo em sua aprendizagem histórica que ocorreu quando dentro da qualidade de diferença temporal do são percebidas diferenças temporais próprias, cada época experimenta seu próprio perfil (RÜSEN, 2012, p. 87). Ou seja, ao experienciar o passado por meio da telenovela, que temporalmente diferente do presente, P4 resgatou por meio da memória uma experiência que viveu num passado recente. Ao relatar sua própria experiência, o participante reconheceu que os fatos exibidos na telenovela ainda se fazem presentes na contemporaneidade e os interpretou como artimanhas eleitorais.

.....acho que a novela trás e mostra a realidade do que é a política sim, porque a política é assim mesmo. Eu **enxergo a política assim: um jogo de favores**, hoje eu cedo para ti que amanhã tu cede para mim. Eu acho que os políticos dominam, não sei nem se não são os coronéis daquela época porque na verdade quando a gente acaba descobrindo alguma coisa, já tem uma proporção tão grande que a gente é ignorante, eu me sinto às vezes ignorante em relação à política... Eu tive essa experiência muito próxima de mim, e eu vivi isso muito próximo porque lá a política era muito forte, e eu trabalhava na rede básica, e se **fazia muita política** ali, a saúde era muito envolvida com a política, então mesmo sem eu querer eu estava envolvida, eu não tinha porque, pois não era minha cidade, não era meu estado, foi muito distante daqui, e eu vivi apenas 1 ano e ½ ali. **Nós tínhamos um dia para não trabalhar, que nós não trabalhávamos porque nós tínhamos que sair e fazer carreato com o prefeito**, eu sendo ou não do partido dele, eu tinha que pegar o meu carro e colocar a bandeira dele e sair atrás, só que **eu não ia, por isso que eu fui demitida** (P4, grifo nosso)

Em sua narrativa o participante relata que sua postura frente as alianças e o próprio pleito eleitoral tiveram consequências, a sua demissão. O participante apreendeu o conteúdo a cerca das trocas de favores e

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

interpretou como responsável por uma política atual sustentada por trocas de favores, fato que orienta sua postura crítica e seu descrédito nos pleitos eleitorais. Diante disso, percebemos seu aprendizado como coadjuvante na sua prática cotidiana, o qual orienta sua consciência crítica que rompe com o passado, construído como o sistema coronelista e com seu presente histórico, a qual orienta suas ações na vida prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a telenovela é um elemento da cultura popular presente no dia a dia dos participantes da pesquisa. A telenovela Gabriela oportunizou aos participantes da pesquisa a experiência do passado através de sua representação. Mediante o acompanhamento dos capítulos desta telenovela os participantes construíram que mostraram-se interligados nas falas dos participantes e as competências das narrativas da experiência, interpretação e orientação foram alcançadas de forma distinta entre os participantes, fator que evidenciou a individualidade do aprendizado.

Diante disso, podemos afirmar que na temática coronelismo/ clientelismo obtivemos aprendizagem histórica, a qual se processou de forma distinta entre os participantes pois a própria decodificação da mensagem esteve vinculada a cultura dos telespectadores, tal qual seu aprendizado está atrelado a sua consciência e cultura histórica.

A consciência histórica de cada um dos participantes sofreu influência da experiência de assistir a telenovela Gabriela, pois ao narrar os fatos envolvendo coronelismo/ clientelismo os indivíduos realizaram operações mentais que incidiram sobre sua própria postura histórica. A partir disso, revela-se uma nova aplicação para a telenovela épica, a de instrumento/ fonte para aprendizagem histórica. Espera-se que esta pesquisa venha a contribuir para o ensino de história e para a pesquisa e extensão numa perspectiva de levar esta fonte também às salas de aula, integrando elementos da vida prática dos alunos ao ensino.

## FONTES

GABRIELA. Telenovela. Produção Rede Globo de Televisão. Autoria: Walcyr Carrasco. Direção: Mauro Mendonça Filho Mauro Mendonça Filho, Frederico Mayrinc e Noa Bressane, 2012. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html> (acesso em 10/08/2014 às 18h00min)

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Entrevistas dos participantes

## REFERENCIAS

ALVES, MOP. Concepções de professores e alunos sobre significância histórica: um estudo no 3º ciclo do Ensino Básico. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade do Minho, 2007. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7522/1/Tese%20completa%20e%20corrigida.2.08.pdf> (acesso em 30/07/201 às 16h 00min)

BARBALHO, A. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.12, n.22, p.27-42, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/347> (acesso em 09/08/2014 às 08h00min)

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. Dicionário de política. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Disponível em: [http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/analisedeconjuntura/DICION%C3%81RIO\\_DE\\_POL%C3%8DTICA%5B1%5D.pdf](http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/analisedeconjuntura/DICION%C3%81RIO_DE_POL%C3%8DTICA%5B1%5D.pdf) (acesso em 22/07/2014 as 22h00min)

BURKE, P. História e teoria social. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CERCADILLO, L. Significance in History: Student's Ideas in England and Spain, Comunicação apresentada no simpósio Creating Knowledge in the 21 st Century: Insights from Multiple Perspectives. American Educational Research Association Conference. New Orleans, LA. 2000.

FAORO, R. Os donos do poder: formação do patronato brasileiro. 5 ed. São Paulo: Globo, 2012.

MARTINS, G.A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. RCO – Revista de Contabilidade e Organizações – FEARP/USP, v. 2, n. 2, p. 08 – 18, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2352/235217215002.pdf> (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

PIERANTI, OP. A radiodifusão e os coronéis da mídia: uma discussão conceitual acerca do “coronelismo eletrônico”. ECO-PÓS- v.11, n.1, janeiro-julho 2008, pp.128-145. Disponível em: [http://www.e-papers.com.br/carrinho\\_livre.asp?codigo\\_produto=1525](http://www.e-papers.com.br/carrinho_livre.asp?codigo_produto=1525)

(acesso em 21/07/2014 às 16:00h)

QUEIRÓZ MIP. Coronelismo. In: HOLANDA SB (org.). O coronelismo numa interpretação sociológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano: Estrutura de poder e economia (1889-1930). Tomo III, V.1. São Paulo: Difel, 1975.

# XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

RÜSEN, J. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa a consciência moral.in: SCHMIDT, MA; BARCA, I; MARTINS, ER. JörnRüsen e o ensino de história. Curitiba: ED. UFPR, 2010 a.

RÜSEN, J. Aprendizado histórico in: SCHMIDT, MA; BARCA, I; MARTINS, ER. JörnRüsen e o ensino de história. Curitiba: ED. UFPR, 2010 a.

RÜSEN, J. Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012

SCHMIDT MA. Literacia histórica: Um desafio para educação histórica no século XXI. Historia & Ensino, Londrina, V. 15, 2009, p. 09-22Disponível em:  
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11424> (acesso em 04/08/2013 as 10h00min)

SILVA, RBV. Coronelismo e banditismo no sul de Mato Grosso: uma análise sobre a violência costumeira em Sant'ana de Paranaíba. Disponível em:  
<http://www.cptl.ufms.br/hist/ndhist/Anais/Anais%202010/Aceitos%20em%20ordem%20alfabetica/Rodolfo%20Batista%20VALERIO%20da%20SILVA.pdf> (acesso em 21/07/2014 às 16:00h)

THOMPSON, J.B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 11ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes: 2009 a

YIN, RK. Estudo de caso: Planejamento e métodos. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

